

# ○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

## Editorial

Quis o acaso e também a nossa vontade que, na terça-feira de Carnaval, à noite, após umas brevíssimas férias em Espanha, tivéssemos chegado a Fão a tempo de presenciarmos a exibição-passeio de um grupo de fantasiados envergando as cógulas dos Ku-Klux-Klan. Não deixámos de achar piada ao sinistro cortejo pois os moços — poderiam ser moças — inpecavelmente disfarçados, muito disciplinados, marchavam imponentemente ao som lúgubre do rufar dos tambores.

É claro que a escolha de um tal traje para epigonizar o ludismo do Carnaval numa freguesia de tão brandos costumes, como é Fão, na freguesia que é a mais liberal e democrática do concelho, porventura a mais tolerante, pese muito embora a fachada dos resul-

## Ao menos deixem-me sonhar!...

tados eleitorais, na terra onde os doutores se anonimizam na fraternidade do Clube Fãoense, a escolha de tal «equipamento», dizíamos, deveu-se tão só à simplicidade / facilidade da vestimenta que não ao significado tenebroso que tal agrupamento comporta em terras do Tio Sam.

Acabávamos de chegar de Orense e aí o que os nossos olhos viram encheram-nos de espanto. Eram centenas ou milhares de figuras em grupos ou isolados, simbolizando ora Santiago a pé ora a cavalo, os três Mosqueteiros, Branca de Neve e os Sete Anões, Ali Babá, enfim, tudo o que a História e a lenda criaram ao longo dos séculos. Espectáculo surpreendente, encantador, costumeiro pelos vistos, que faz convergir sobre aquela cidade galega milhares e milhares de forasteiros. Surpresos, ficamos sem saber o que demais admirar: se a riqueza dos trajos, se a diversidade das figurantes, se a «autenticidade» dos personagens. Como costuma escrever o nosso amigo Zé Azevedo «estava tudo a preceito».

Lembrámo-nos que também em Fão, em tempos não muito recuados, era costume alguns jovens, rapazes e rapa-

(Continua na pág. 4)

## O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

# Ernestino Gonçalves Sacramento

Ernestino Sacramento é hoje uma legenda viva da nossa terra e uma referência obrigatória do teatro fangueiro. Invocar o seu nome implica necessariamente falar de Fão de outras eras, sobretudo da sua belle époque.

Tanto quanto conseguimos averiguar, duas qualidades sobressaíam na sua pessoa: era um folgazão e um artista. A primeira significava que à sua beira ninguém ficava triste. Na segunda lobrigámos um homem de teatro, portanto, um actor, e um exímio praticante de viola, violão, banjolin e rebeca. Estas facetas rematavam-se com uma capacidade de iniciativa e um sentido de organização notáveis.

Disse-nos a Miquinhas Turra com uma lucidez e uma memória vivísimas do alto dos seus 94 anos: «De repente o Ernestino organizava um grupo para fazer uma farra. Ele estava em todas as serenatas que se faziam em Fão».

Nesse tempo ao que parece as pessoas divertiam-se mais do que agora. Cantava-se e bailava-se por todo o lado.

«E as gramalheiras? — continuou a D. Miquinhas — aquilo é que era uma festa!» Pelos vistos os jovens de Fão iam ali para os Marrouços «para os lados da nossa tomadia» — esclareceu-nos a Zai-



rinha — cortar ramos de árvores para as festas de S. João que se celebravam com muita alegria e folguedo. No tempo da Miquinhas Turra iam com ela as suas irmãs Laia e Antónia, a Antoninha da Joana, a Palmira Faneca, a Palmirinha e a Rosalina Calafate, a Amandina Rocha, a Micas Calheiros, a Helena do Pintor (o rouxinol da Areosa) entre outras. O corte dos gramalheiros era já uma festa que antecedia a verdadeira festa.

O pai da Miquinhas, o Inácio Turra, tinha nessa altura um estabelecimento onde hoje está o edifício dos correios. Ele era um folgazão de mão cheia e a sua loja naquele tempo era também um clube de artistas. Ali se juntavam o famoso Lameque, o Manuel da Argelina, o Ernestino, o Manecas Rocha, o Sebastião Didier, o Zé Setenta, o José Pereira de Carvalho, o Penetra e um tal Fonseca que trazia sempre os últimos discos do Porto que o grupo escutava na gra-

(Continua na pág. 4)

## Rádio Nova Onda

Val começar a funcionar em Fão no edifício dos Bombeiros, uma estação de rádio particular, a Rádio Nova Onda.

São seus promotores José Artur Saralva Marinho, Aníbal Carvalho de Jesus, Manuel Vieira e Rui Ferreira.

Funciona à semana, das 20 às 24 horas. No fim de semana começa às 14 horas e prolonga-se igualmente até à meia-noite.

Parabéns pela iniciativa.

## FALECIMENTOS

● No mês de Fevereiro faleceu em Fão António Machado Solinho, viúvo, de 88 anos de idade. Tardamente soubemos da sua morte pelo que só agora a noticiamos. O sr. António, apesar da sua procveta idade, mostrou-se sempre interessado pelas coisas de Fão e sempre que as coisas não corriam a seu gosto revelava-se um rezingão impenitente para com os possíveis culpados. Pela década de quarenta tornou-se empreiteiro e o seu primeiro trabalho foi a calcetação da Rua das Pedreiras de parceria com o seu cunhado José Oliveira.

Tornou-se assinante do nosso jornal desde a primeira hora e sempre que nos via lá vinha rezingar-nos ao ouvido por qualquer coisa que achava mal feita.

Foi um grande entusiasta de futebol local e por mais de uma vez o vimos prometer bónus aos jogadores caso ganhassem o desafio.

Paz à sua alma.

Aos familiares os nossos pêsames.

● No dia 21 de Março, faleceu em Fão Maria do Loreto Albuquerque Castelo Branco Sequeira.

Esta senhora era filha do saudoso Coronel Zeferino Sequeira, um grande amigo de Fão que por amor a esta terra aqui comprou casa e vivia grande parte do ano. Nos fins da vida promoveu vários estudos sobre a vida de Fão, principalmente a sua origem, tendo-os publicado no extinto jornal «O Fangueiro».

D. Nezinha que acompanhava constantemente seu pai afeiçoou-se igualmente a esta terra que acabou por adoptar como sua. Aquele morreu também.

Que descanse em paz.

## Centenário da Imprensa em Esposende

O aparecimento do primeiro jornal de Esposende, «O Esposendense», em 16 de Dezembro de 1886 vai ser devidamente comemorado no concelho.

A iniciativa partiu do nosso colega «O Jornal de Esposende» que conta com o patrocínio da Câmara concelhia e do Governo Civil de Braga.

O primeiro director daquele extinto hebdomadário foi o jornalista José da Silva Vieira que dirigiu igualmente alguns jornais de Fão.

## O que se passa com as obras de protecção da nossa costa?

Anda o povo alarmado, e o caso não é para menos, com a paralização das obras de defesa da nossa praia. Fonte fidedigna garantiu ao nosso jornal que dentro de duas semanas as obras vão recomeçar mas tendo em vista uma protecção adequada de toda a costa sul do nosso concelho.

Soubemos que estiveram há poucos dias em Fão alguns técnicos, peritos em obras hidráulicas, que chegaram à conclusão que eram precisos novos estudos, procurando-se uma protecção eficiente tanto da praia de Fão como da Apúlia. O pontão que está em curso protegerá apenas, quer-nos parecer, a praia das Pedrinhas que não possui ainda um peso turístico considerável.

Pensamos pois que as preocupações dos fangueiros quanto à sua praia irão desaparecer dentro de alguns dias.

## Tinturaria da Ofirtex funciona ilegalmente

*Pois é verdade. A Ofirtex encontra-se em situação de falência e por mor disso a Tinturaria que ilegalmente lhe estava adstrita tinha que estar encerrada.*

*Só que a chaminé da referida secção bota fumo todos os dias, sinal de que trabalha.*

*Ora a Ofirtex está à guarda de um administrador de massa falida que pelos vistos não está a guardar nada. Este país assim não vai a parte nenhuma.*

*Depois é o rio que paga as favas e os campos por onde passa o regueiro com as águas aniladas.*

*Os respectivos proprietários, dr. Albino Campos e António Gaiém já entregaram o caso a um advogado para ver se conseguem pôr cobro à poluição dos seus terrenos.*

## AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Cá estamos, como de costume, a tentar o sr. Colesterol à subidazinha habitual.

Desta vez, uma receita muito simples, sabarosa:

### BATATAS RECHEADAS

Escolhem-se batatas grandes e lisas, lavam-se bem, e cozem-se (não muito), com casca, em água com sal.

A seguir descascam-se, corta-se a cada uma, uma das extremidades (para depois servir de tampa) e escava-se um buraco em cada batata, com uma faca aguçada ou com a ponta do descascador, mas tendo o cuidado de não atingir a parte de fora.

Recheia-se esse buraco com picado já cozinhado, tapam-se, fixando as tampas com um palito para cada uma, e deitam-se as batatas numa caçarola com manteiga (ou margarina), deixando-se alolar durante três quartos de hora, regando de vez em quando com a própria calda.

E para sobremesa:

### PUDIM DE OVOS A MODA DE COIMBRA

Açúcar, 500 gramas; Gemas de ovo, 11; Manteiga, 25 gramas.

Põe-se o açúcar em ponto de pasta. Batem-se as gemas com a manteiga.

Logo que o açúcar arrefeça, vo-se deitando as gemas, batendo sempre.

Leva-se ao forno em fôrma untada com manteiga.

Serve-se frio.

Uma delícia! De certeza que o colesterol não resiste!... É esse o desejo bem intencionado da

Tia Mariquinhas.

O descanso desejado...



**HOTEL DO PINHAL** ★★ ★

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857  
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.

# UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

estamos a construir um banco do futuro

# FÃO NO PASSADO

A minha infância, vivida em Fão, ocorreu há já mais de seis dezenas de anos. Por essa longínqua época a mocidade da minha geração dividia a sua existência entre a escola e a igreja.

Nos intervalos destas obrigações agrupávamo-nos para jogar o pião, a bilharda, o eixo, a barra, o botão, a meca, etc.

Tinham época apropriada todos estes jogos e a reunião era ali, junto à porta da torre da igreja Matriz, onde o pavimento era ainda de terra batida e se prestava à disputa daqueles jogos.

Também próximo a este local se realizavam as corridas de bicicleta por nós construídas em madeira e só as rodas se compravam a \$50 cada nas oficinas do Zeca Paranha ou Antoninho Borda, junto ao cais.

A grelha de partida era ao cimo do passeio da rampa da igreja. Um de cada

vez, com os eixos encebados, montava o seu velocípede e, após o empurrão inicial, ganhava velocidade através do desnível da rampa e vinha parar o mais à frente possível. Aí se marcava a meta da sua corrida e, no fim, o vencedor era aplaudido.

O futebol era jogado no Cortinhal, quando no relvado não havia roupas a corar, ou no campo das rodas, onde outrora torcia o seu cardame o tio Frade, velhote simpático e bonacheirão que nos deixava em paz, mesmo quando a bola era atirada para o espaço reservado ao estendal das suas cordas.

As bolas eram de trapos ou borraça e de vez em quando lá se arranjava uma bola a sério. Então o entusiasmo pelo futebol aumentava e com que ansiedade se esperava o momento de ser seleccionado para as categorias de honra.

Nos meses de Junho e Julho prendiam a nossa atenção os banhos no rio cuja margem passava a ser o nosso campo entricheirado, com desafios de futebol, corridas e jogos na Paul, seguidos de mergulhos nas cristalinas águas do nosso Cávado.

Por baixo da ponte também aí havia concentração de nadadores, a tentar chegar ao 2.º pegão, o que já era um feito de mérito, dado o fundão que existia naquele local.

A vida escolar era a que se levava mais a sério.

Teve a minha e outras gerações a felicidade de encontrar uma pleiade de professoras, que verdadeiramente dedicadas à sua profissão, davam o que melhor de si podiam, na preparação dos seus alunos para, sem dificuldades, enfrentarem a vida que iriam iniciar, pois

naquele tempo poucos eram os alunos que prosseguiam os seus estudos.

Eram essas professoras as sr.as D. Maria, Ema e Helena Vieira, que no meu período escolar ministravam o ensino em Fão.

Com que respeitinho delas nos abeirávamos e se escutavam as suas lições!...

Seus restos mortais repousam em jazigo de família em Esposende.

O que me dizem aqueles que foram seus alunos, que devem ser às centenas, a tomarem parte em um domingo, numa romagem ao cemitério de Esposende, caminho tantas vezes por elas percorrido diariamente, quer chovesse ou fizesse sol, para nos trazerem a Fão a luz dos seus ensinamentos?

Caso concordem, eu estarei presente com um ramo de flores, que farei entrega ao mais idoso ou idosa dosromeiros, para deposição no jazigo onde se encontram.

Marquem o dia.

Sérgio Mendanha

(continua)

## Quadras da Primavera

A Primavera é p'ra mim,  
A estação predilecta...  
Pois vejo-a toda inteirinha  
No sorrir da minha neta.

Passa sempre à minha porta  
Um pobre cego a tocar...  
Para ele a Primavera  
É o Sol que o vai beijar...

Ovem-se segredos no ar  
Quando chega a Primavera:  
São as flores a namorar,  
Beijando, alegres, a terra.

Quando eu era rapariga  
Chamavam-me a Primavera  
Por eu trazer no olhar,  
As asas duma químera.

As asas, hoje quebradas,  
Jazem, cáidas no chão  
E somente existem penas  
Dentro do meu coração.

Já chegou a Primavera  
Com sua corte vistosa.  
No vaso do meu postigo,  
Abriu a primeira rosa.

Na longa estrada da vida  
Há imensas Primaveras.  
Mas só poucas nos recordam  
Vãs ilusões e químeras.

Repete-se todos os anos  
A Primavera florida.  
Só não torna a reflorir  
A Primavera da vida.

Eu falo com a Primavera  
Como de irmão para irmã.  
Trocamos nossos segredos  
Mal rompe a fresca manhã.

CECÍLIA AMORIM

## ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRAULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MAQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

Consulte-nos

## REIMELI, Lda.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO  
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845



# Festas do Senhor de Fão

Como vem sendo tradicional, realizou-se na semana de Pascoela, mais precisamente de 4 a 7 de Abril, a festa do Senhor de Fão.

Festas carregadas de tradição, mais uma vez a tradição cumpriu-se. Só que cada vez mais o empobrecimento é progressivo, não por culpa dos organizadores mas por culpa dos fangueiros. Concretizando melhor: o peditório que se faz na freguesia não ultrapassa os habituais quinhentos contos e os festejos costumam ir a muito mais. Resultado: abate-se uma banda de música, reduzem-se os foguetes, e, íamos dizer, simplifica-se o arraial, mas isso não o podemos afirmar porque a ornamentação até esteve jeitosa. Só que as bandas de música são sempre a alma das festas e o povo de Fão não se cotiza para as tradicionais bandas afamadas de outrora. Logo, não há bandas, mas uma banda só, o que nos começa a inferiorizar perante as demais romarias do concelho.

Bem, costuma dizer-se que as festas do Senhor de Fão são boas ou más conforme o tempo o permite e em relação às festas deste ano não pederejmos dizer que a densidade hirométrica tivesse abu-

sado, mas que esteve frio, lá isso esteve.

Lá tivemos a verbena, os famosos tamborileiros que constituem a alegria da petizada. E houve foguetes, a noite do «fogo» no sábado (quem nos dera a vivência de outrora), a procissão de segunda-feira aos entevados com a gente das Pedreiras a primar com o seu já famoso tapete e ainda o não menos



Um aspecto do famoso tapete das Pedreiras

famoso tapete dos Irmãos Matias que mais uma vez prestaram a sua costumada colaboração.

Mas as festas do Senhor de Fão costumam apresentar normalmente um número surpresa e desta vez a surpresa que quando o é, surpreende sempre, como diria o Herman José, esteve ali para as bandas dos Bombeiros, no magnífico salão nobre daquela humanitária agremiação. E afinal o que foi? Uma exposição de trabalhos de barro dos principais oleiros populares portugueses. Assim, vimos os lindos e famosos bonecos de Rosa Ramalho, Ana Baraça, Maria Sineta, Mistério, Júlia Cota, Arlindo Fagundes e Filipe, todos de Barcelos; e ainda contemplamos barros de Estremoz, barros de M. Capelins (Alentejo), Franco (Maфра), Isabel Branco (Redondo-Alentejo) e ainda de José Maria (Castro d'Aire). Ora bem: como conseguiram os Bombeiros fazer esta exposição? Pediram ao arquitecto Pádua que lhes emprestasse uma das suas colecções e este nosso amigo não se fez rogado. Cedeu de imediato a sua colecção de barros e fez mais isto: doa a referida colecção aos Bombeiros ou a outra qualquer associação fangueira que disponha de duas salas. Uma para esta colecção de olária e outra que jun-

cionaria como sala de exposições permanentes com outros temas, claro está. Uma oferta que merece uma reflexão profunda dos fangueiros conscientes.

Já nos íamos esquecendo do número mais representativamente fangueiro das festas: referimo-nos às marchas.

Pois nós podemos dizer que o «Senhor de Fão» começou precisamente às 22 horas do dia 4 com a apresentação das marchas. Estiveram na Av. Dr. Manuel Pais a marcha Infantil de Fão, o Grupo da Areosa e o Grupo do Ramalhão.

Todos estiveram à altura. Os pequeninos, muito bem vestidos, eles e elas, cantaram muito afinados, demarcaram-se com graça, e neles e com eles, a típica maneira de ser de Fão não desaparecerá.

Depois apareceu o grupo da Areosa vestindo trajes à minhota. Não gostamos de ver algumas raparigas usando sapatos e um dos moços a fumar já no desfile final. De resto foi um grupo que se apresentou com muita arte. A letra e a música de Carlos da Palma Rios deram um tom de originalidade ao conjunto.

Os rapazes e as raparigas do Ramalhão usando os trajes de pesca diferenciaram-se como sempre dos outros por isso mesmo. Muitos daqueles moços eram pescadores a sério.

Ao tempo que víamos aqueles rapazes e raparigas a desfilar e a cantar com entusiasmo e alegria, lembrámo-nos das horas e do muito trabalho que tiveram que dispender para apresentarem um número que agradou em pleno.

Lamentamos sinceramente a falta de visão bairrista dos das Pedreiras que primaram pela sua ausência, em retaliação a certos comentários que ano passado teriam sido feitos às contas do grupo.

Numa altura em que os festejos do Senhor Bom Jesus aparecem diminuídos em relação a outras festas do concelho, é importante que apresentem algo que ninguém de fora seja capaz de igualar. E esse algo são precisamente as Marchas onde Fão coloca todo o seu bairrismo, graça e arte. Obviamente que quantos mais grupos, melhor, pois o que está em causa é o bom nome de Fão.

Pedreiras não viu as coisas assim e foi pena.

Parabéns aos ensaiadores Morais, Moisés, Barbosa e Solinho.

Parabéns também à Comissão das Festas.

Lamentavelmente parte de Fão esteve às escuras durante toda a noite de sábado para domingo, o que nunca aconteceu no tempo dos serviços.

POSTAIS  
DA  
NOSSA  
TERRA

(VI)  
REQUIESCAT  
IN PACEM

Morreu, vítima do vício que a avas-lava, a Piedade Portela! Embora escrava do álcool, morreu prematuramente!

Morreu transformada num «farrapo humano»! Dizem, no entanto, que, quando nova, era rapariga desenxovalhada, muito limpa e de certa beleza. Morreu, porém, como morreu!

E porque tão profunda transformação? Porque, também o dizem, quando casou, sem marido a levava consigo para as tabernas, que costumava frequentar, onde ela, a pouco e pouco, se foi deixando possuir pelo vício do álcool, não sabendo ou não podendo resistir-lhe.

Morreu! Paz à sua Alma! Que seja, ao menos, a sua morte prematura um aviso ou um exemplo para as muitas outras mulheres da nossa Terra que, como ela, infelizmente, frequentam assiduamente as demasiadas tabernas existentes e que tão triste imagem de si dão.

Quim Muata

Que repouse eu Paz!

Fão, 13-3-86

# AS PESTES EM FÃO

(continuação)

Entre 1917/1918 deu-se o aparecimento e disseminação da conhecida «PNEUMÓNICA».

A «Pneumónica», foi uma doença infecto-contagiosa do tipo do tifo, mas de carácter pulmonar, que apareceu no país por volta dos anos 17 e foi uma consequência directa das carências alimentares provenientes do pós-guerra (1.º mundial) e da proliferação do «piolho isantomático».

Os seus principais sintomas eram, dores de garganta, de cabeça, diarreia, febres altíssimas, tosse profunda e cava (espécie de «uivos», vómitos de sangue, uma sede devoradora e uma espécie de abafo que dificultava a respiração.

Os médicos recomendavam, como medicamentos, o leite e o uso de um desinfectante, a criolina, nas habitações.

## A PNEUMÓNICA EM FÃO:

A pneumónica surgiu, nesta região, mais ou menos, no Verão (fim) de 1917, após uma romaria (cujo santo não conseguimos



## Longa Vida

o que é bom da natureza

apurar), em arcelos e estendeu-se até fins de 1918.

A pneumónica, espécie de tifo, de carácter pulmonar, atingiu os pontos fracos do organismo, afectando, na maioria das vezes, os intestinos, os pulmões e de uma forma extremamente mortífera, o cérebro.

E se, a princípio, a pneumónica atingiu a camada infantil sob a forma de uma bronco-pneumonia, provocando um enorme índice de mortandade, depressa se estendeu aos restantes escalões etários da população.

Nesta altura, evidentemente, as condições de assistência social eram tristemente parcas e isso é provado pela existência de um só médico, de nome dr. Moreira Pinto, que aliás, quando tomou consciência do perigo da doença, «fugiu» para o Porto, onde veio a morrer.

A mando do governo, dois médicos municipais (2), dr. Ferreira Carmo, da Apúlia, e dr. Manuel Evangelista, de Monção, ocuparam-se da espinhosa tarefa de extermínio da doença.

Neste campo foram ajudados, tanto pelo pároco, padre Luís Fernandes Azevedo, como pelas professoras «Vieiras» que, juntando-se, tentaram desinfectar as habitações, para destruir o «piolho isantomático», através do uso de criolina e da queima das roupas e sua substituição.

O hospital teve pouca actividade, pois a doença afectava e matava num curto espaço de tempo.

O farmacêutico, Sr. Santos, pai do dr. Alceu, foi a primeira vítima, quando ainda não se tinha consciência do verdadeiro alcance da doença.

Apesar das precárias condições de assistência médica e da não existência dos antibióticos, os médicos aconselhavam as irrigações, a tintura de iodo, as compressas de água fria e uns comprimidos, talvez «aspirina», para estancar, de certo modo, a progressão da epidemia.

A princípio, como fosse praticamente impossível beber água, com a garganta infectada, esta foi expressamente proibida.

Muitas vezes, acontecia que ao bebe-

rem água, pois a sede era abrasadora, os pacientes melhoravam e curavam-se, não sabemos se por auto-sugestão, se por efeitos benéficos da água.

omo o leite de vaca, produzido em Fão, não fosse suficiente, a freguesia das Marinhas ofereceu-se para o fornecer, enviando-o para o hospital, que o distribuía.

Em média, adoeciam 5 a 6 pessoas por casa, mas, apenas 2 ou 3 pessoas padeciam e morriam com a pneumónica.

A maioria das vítimas eram crianças e pessoas jovens entre os escalões etários de 35 a 40 anos.

Os médicos percorriam, durante as consultas, todas as casas e a freguesia estava dividida pelos dois, não sendo preciso chamá-los.

Aqueles que sobreviviam, ficavam adoentados durante algum tempo, e ficavam marcados para toda a vida.

Apesar disto, a vida não parou e os enterros em grupos de caixões eram feitos de modo vulgar.

Mas, pouco a pouco, tal como tinha aparecido, a pneumónica desapareceu, deixando um rasto de pobreza e desolação.

## TESTEMUNHOS:

### I — Dona Aninhas Furtado:

Toda a sua família adoeceu, assim como a maior parte dos seus vizinhos (2 filhos da tia Maria Mujica; 2 filhas, Rosa e Júlia, do tio Riça; As filhas da tia Rosa Pelica; o tio João Alves da Quinta), por volta de Julho de 1917 e assim continuaram até princípios de 1918.

Todos sobreviveram, e confessaram ter sido uma experiência terivelmente arrepiante, que só vivida se compreende na sua plenitude.

Foram aconselhados a isolar-se em casa e a sair apenas para ir buscar o leite ao hospital e às poucas celebrações litúrgicas.

(Continua)

## Pagaram Assinatura

Manuel Magalhães Cruz, Fão, 850\$00; Armando Caramalho, Brasil, 2000\$00; Arq. António Gomes da Costa, Porto, 850\$00; Miguel Machado, Braga, 1000\$; Gustavo Costa, Fão, 500\$00; Eng. Ruben António Agonia Pereira, Lisboa, 500\$00; Serralharia Valdemar, Fão, 500\$00; José Manuel Pires Belo, Fão, 500\$00; Inácio Palmeira, Fão, 500\$00; Inspector Manuel Grilo, Fão, 500\$; José Ramos da Silva, Fão, 500\$; Carlos Barra Reis, Fão, 500\$00; António Francisco Trocado, Fão, 500\$00; José Augusto de Campos Fern. Pereira, Fão, 500\$00; Manuel Gomes Soares, Fão, 1000\$00; Móveis Durães, Fão, 1000\$00; Carlos Maria da Costa Maia, Fão, 500\$00; José Ribeiro Gaifém, Fão, 500\$00.

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, L.DA

création ARMAÇÕES — OCULOS SOL

*CAZAL*

RUA DA MISERICORDIA, 2-16 — 4700 BRAGA • TEL. 75777

## FÃO D'ANTIGAMENTE

Esta fotografia reputa-se ao II Concurso de Pesca Desportiva realizado em 26 de Agosto de 1950, na Barca do Lago no qual conseguiu o 1.º lugar o saudoso Ernestino Costa, ganhando a taça AJAX. Além do vencedor podem ver-se na fotografia: Graça, Teresa e Germaninho Nobre; o Né Grande e Né Pequeno, Armando (Requété), Jaime Caveira,

Quiqui, Adelino Saraiva, Fernandinho e o Pai, Tone Papuda, Tiririca, Valente da Farmácia e sua filha, Ant. Jordão e irmã, Ondina e Julieta Carvalho, João Apígio e Tia, Alberto da Vicente, Carlos da Francisca Rosa e Zé Puta, Fernando Cocho, Armando Lobo, Nozes, Norberto, Miranda o Tolo e Zé Maria Faria e outros pois eram 72 concorrentes.



## BAPTIZADO

«Baptizou-se no dia 25 de Dezembro em Fonteboa uma interessante e linda criancinha, filho do nosso amigo Avelino Faria, ilustrado e inteligente farmacêutico.

Serviram de padrinhos ao neófito sua avó paterna, Balbina Cândida da Costa Faria e seu avô paterno, o nosso velho e dedicado amigo, Sr. António José da Costa, dando-lhe o nome de Armando.

Os nossos parabéns aos pais e avô do pequenito.

Esposendense de 16-1-1913

*N. R.: «A interessante e linda criancinha» é nem mais nem menos que o nosso conterrâneo dr. Armando Faria, farmacêutico na Póvoa de Varzim.*

*A escolha do seu baptizado para Fonteboa deveu-se a incompatibilidade com o pároco de então, P.e Azevedo.*

## Exposição de Crucifixos e Figuras do Calvário

Integrada nas celebrações da Semana Santa de Esposende esteve patente ao público no Salão Nobre da Câmara Municipal uma exposição de Crucifixos e Figuras do Calvário. Estiveram patentes ao público numerosos e variados crucifixos, alguns de grande valor artístico e material. A Misericórdia de Fão fez-se representar com parte do seu valioso recheio.

Foi mais uma realização da Casa de Cultura de Esposende.

## TRANSPORTES ESCOLARES

Foi deliberado que as crianças do ensino preparatório com residência fora da vila de Esposende tenham direito a transporte gratuito para a Escola Preparatória de Esposende; que os jovens do ensino secundário com residência fora da vila de Esposende

sejam transportados com a participação de 50%; que as crianças do ensino preparatório a frequentar a Escola Preparatória de Forjães e que residem na freguesia de Forjães no exterior da área definida pela EN e EM tenham direito a transporte gratuito.

## Sede do Futebol

O nosso colega «Jornal de Esposende» noticiava no seu último número que «numa reunião conjunta C. F. de Fão/Junta de Freguesia ficou deliberado obter da Câmara Municipal de Esposende um desses fogos (da balro social) para adaptação a sede do Clube de Futebol de Fão».

Fonte próxima da Câmara de Esposende garantiu-nos que o Sr. Presidente teria afirmado «que ainda era muito cedo para se pronunciar sobre a sede do futebol».

Finalmente os fangueiros ainda não podem esfregar as mãos.

## DR. JORGE BASTO

Soubemos que foi indigitado para Cônsul de Cabo Verde na cidade do Porto o dr. Jorge Basto, ilustre advogado daquela cidade.

No dia 25 de Março este nosso amigo foi homenageado por um grupo de cabo-verdeanos pelos serviços já prestados a alguns naturais daquela antiga província portuguesa.

## TURISTAS EM OFIR

O Hotel Ofir está a receber grupos de turistas holandeses que aqui permanecem oito ou quinze dias, através da operadora Vankreizen. O número de pessoas é variável. A semana passada vieram 75.

Os holandeses têm passeado em Fão, mostram-se encantados e revelam-se simpáticos.

Um ponto obrigatório de encontro é o Bar do Sérgio.

o melhor café  
é o da  
**A BRASILEIRA**  
PORTO

## NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saraiva  
Dr.ª Maria Emília Corte-Real  
Tiã Mariquinhas  
Cecília Paixão Amorim  
Dinis de Vilarinho  
Sérgio Mendanha  
Quim Muata

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva  
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão  
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII — Telef. 684318  
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual . . . . . 500\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através de «Os Correios» será por conta do assinante

**O Mundo em que vivemos**

**...E a Lista continua!...**

*Mas que lista? — perguntarão. A lista dos actos de violência cometidos em campos de futebol.*

*Embora estes estejam, felizmente, muito longe em gravidade dos que no ano passado enlutaram um estádio belga, não deixam, contudo, de ser actos violentos, actos em que o jogo é uma fonte de cólera e de agressividade.*

*O futebol deveria ser, para os que o praticam, um desporto alegre e salutar e para os assistentes, um espectáculo agradável que lhes proporcionasse umas horas de despreocupada diversão.*

*Mas não é assim. As tensões latentes conduzem frequentemente a acções que em nada dignificam o futebol nem as pessoas a ele ligadas.*

*Senão vejamos, aqui em Portugal, por exemplo: — num só dia, no último domingo de Fevereiro, registaram-se em campos de futebol nada menos que ... 18 acidentes!... Em dez deles, foram atacadas com violência equipas de arbitragem. Parece que estamos apostados em ganhar um estranho campeonato: — o campeonato da agressão ...*

*Apedrejamentos, bofetadas, murros, pontapés, «valeu» tudo! Agressores: — elementos do público, jogadores, e até um dirigente desportivo.*

*Aonde nos leva isto? A quem aproveita? — Não nos leva a parte alguma, e a violência não aproveita a ninguém. Só serve para pôr o nosso civismo pelas ruas da amargura.*

**CAMINHOS**

*Nos caminhos sinuosos,  
Onde tanta gente passa,  
Uns vêem calhau rugosos,  
Poelra, lama, desgraça,  
Toscas e mortas raízes,  
Folhas secas, amarelas,  
E neles calados vão  
Porque tristes, infelizes.*

*Mas outros, no pó do chão,  
Descobrem muitas estrelas  
E perfumadas violetas,  
Vêem no ar borboletas,  
Aromas, pélen e flores,  
Aves, ninhos e canções,  
Um céu com nuvens às cores  
E ouvem até pulsar,  
Das pedras, os corações.  
E vão por esses caminhos  
Como alegres passarinhos,  
Felizes, sempre a cantar ...*

DINIS DE VILARELHO

*Por isso, aqui fica um apelo a todos os que, de uma forma ou de outra, se relacionam com as lides futebolísticas:*

*Por favor, procurem não esquecer nunca que o futebol é um jogo que se joga a pontapé ... mas única e exclusivamente na bola ...*

E. Real

**Afogamento**

O rio Cávado já fez a primeira vítima este ano. Foi na quarta-feira, dia 2, às 5 horas da tarde. O jovem Francisco Graça Amorim, de 17 anos de idade, filho de Inácio Amorim, treinava numa canoa da Secção de Canoagem do Clube Fãozense.

A seu lado vogava também noutro canoa um seu amigo. Quase a terminar o treino, o jovem Francisco resolveu dar mais uma volta a juzante da ponte de Fão. Esse passeio, porém, ser-lhe-ia fatal. Devido a uma manobra menos perfeita, o barco virou-se e o seu canoeiro, embora sabendo nadar, acabou por imergir nas águas, depois de em balde ter lançado alguns gritos e gestos de socorro.

Dois holandeses que se encantravam no Bar Sérgio ainda se lançaram à água mas já nada conseguiram fazer.

Foram entretanto reclamados os serviços dos homens-rãs dos Voluntários Famicenses que nesse mesmo dia fizeram algumas buscas sem resultado. Os bombeiros de Fão também colaboraram nas pesquisas. O corpo foi encontrado no dia 4 pelos homens-rãs dos Sapadores do Porto.

Claro que o caso da extracção das areias veio mais uma vez à baila. Aqui d'el rei, etc., e tal. Já não é a primeira nem a segunda nem a terça nem a quarta vez que neste jornal temos abordado o assunto. Mas como os fangueiros de agora são uns inócuos, desistimos de bater no ceguinho. Não vale a pena.

De qualquer modo é hoje convicção assente que o infeliz Francisco deve ter sido acometido de doença súbita, tipo congestão ou coisa parecida.

**UMA CHÁVENA DE CAFÉ**

Perto de casa, há um toldo amarelo a colorir a entrada dum café. A vitrina com uma meia-lua de vitral geométrico faz parecer do exterior um «pub» garrido, num edifício artisticamente sem futuro. O interior está mais condizente com os chamados cafés de vila: pouco arrumado, clientela de jogo de cartas, de martinis, de cervejas e de Kentuques; chão de mosaico escurecido de salpicos, duas máquinas de jogo, na sala contígua. Num gaveto, lá está o aparelho da TV que, quer nas horas de noticiário, quer nas horas de espectáculos, ditos artísticos ou políticos, está suplantado pelo vídeo através de cassetes de filmes americanos com tradução espanhola. Excepto nos programas desportivos ou melhor, futebolísticos, o «pessoal do café» vê os Konfus importados. As artes marciais orientais são o «prato forte» cujas personagens, são já uma miscelânia de raças: negros, brancos, mestiços, amarelos e vermelhos praticam com exuberância a mímica raivosa do rosto, o despir da camisa, os gestos dos braços, das mãos, dos dedos e os saltos das pernas.

E toda esta exuberância, é sincronizada pelo ritmo de pancadas, de sons de paus, de espadas, de punhais e finalmente por rios de tinta escarlate. Partem-se blocos de gelo, de tijolos, de mesas, de casas e as personagens caem e erguem-se com se fossem bonecos articulados de molas ou de borracha e os espectadores em êxtase vibram às pancadas dadas, mexem-se nas cadeiras, contraem o tórax e ficam empolgados; nesses momentos conseguem, sem tirar os olhos do pequeno écran, responder aos companheiros de mesa e vibrarem em unísono.

E eu retenho estas imagens, sem dúvida mais fantásticas do que as caricatas do filme e interrogo-me sobre o mundo deles que já não é o meu, enquanto meu filho os acompanha e eu bebo a minha chávena de café.

Fev.1986

Maria Arlette S. F.

AVENÇA  PORTE PAGO	«O NOVO FANGUEIRO» FÃO
--	---------------------------